INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO DA ROMANIDADE





Material de cobertura de construção, usando alternadamente a telha plana (*tegula*) e a telha de meia-cana (*imbrex*).

A expedição militar comandada por *Decimus Junius Brutus*, por volta de 138–136 a.C. – que percorreu o litoral atlântico desde o vale do Rio Tejo até ao Rio Minho – assinala uma etapa decisiva das incursões de Roma nesta região, marcando o início de um período de embates violentos com as populações autóctones. Será já durante o Principado de Augusto, entre 27 a.C. e 14 d.C., que esta região é anexada ao Império Romano e integrada no *Conventus Bracaraugustanus*, com capital na cidade de *Bracara Augusta*, fundada entre 15 e 13 a.C.

Na área do Campo da Ponte do Monte Castêlo há evidências fortes de uma grande dinâmica de transformação, com a assimilação de novos modelos arquitetónicos, pautados pela construção de estruturas de planta ortogonal com recurso à utilização de novos materiais, como as coberturas com telha cerâmica (*tegula* e *imbrex*).

Nesta fase, afluem em número crescente os objetos importados de diversos pontos do mundo mediterrânico, principalmente das províncias da Hispânia meridional, como a Bética e a Lusitânia, assim como do sul da Península Itálica. Destacam-se, pelo elevado número de peças registadas, as ânforas destinadas a servir de contentor de transporte de produtos líquidos a longa distância, por via marítima.



BOCAL DE ÂNFORA
Bocal e gargalo, com arranque de asa de uma ânfora do tipo Haltern 70
Bética, Vale do Rio Guadalquivir
século I a.C. – I d.C.



ANTIGUIDADE TARDIA: EVIDÊNCIAS DE RENOVAÇÃO DO ESPAÇO

A partir do século III – IV d.C. esta zona do Monte Castêlo conheceu importantes remodelações arquitetónicas, materializadas na construção de novos edifícios de maior dimensão sobre os alicerces das estruturas mais antigas.

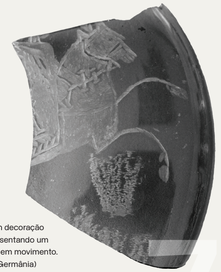
Um pequeno objeto encaixado no alicerce de uma destas estruturas, uma lucerna recolhida no decurso da escavação arqueológica, representa um testemunho de ritual propiciatório para honrar as divindades e assegurar a sua proteção, abrindo uma janela para o conhecimento das crenças das populações romanizadas.

Entre os numerosos objetos de uso quotidiano recolhidos, maioritariamente correspondentes a cerâmicas de produção regional, destacam-se um grupo significativo de exemplares de cerâmica Sigillata Africana e uma ânfora oleária, utilizada no transporte de azeite, produzidas na região de *Byzacena*, no norte de África.

Estas produções cerâmicas importadas, bem documentadas no Monte Castêlo, testemunham a continuidade de uma forte dinâmica de contactos comerciais com o mundo mediterrânico que, nos séculos IV e V, se orienta em direção aos centros produtores norte-africanos do Império Romano.

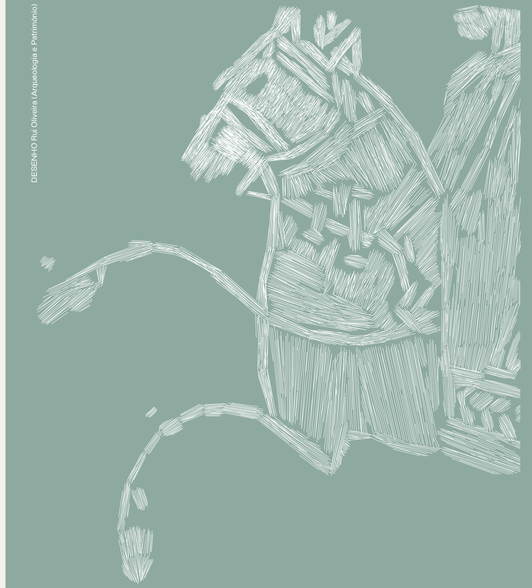
LUCERNA
Tipologia
Dressel-Lamboglia 30B
Século III-IV.





TAÇA EM VIDRO
da forma Isings 116b com decoração figurativa gravada, representando um cavaleiro e o seu cavalo em movimento.
Produzido na Renânia (Germânia)
Século IV.

DESENHO Rui Oliveira (Arqueologia e Património)



matosinhos

U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FREGUESIA DE GUIFÕES

APDL
ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DOS PORTOS
HISTÓRIA | LITERATURA | ARTE

ENTRE A TERRA E O MAR: O MONTE CASTÊLO DE GUIFÕES



EXPOSIÇÃO
14 de maio a 1 de novembro de 2026
Museu da Memória de Matosinhos

10 ANOS
de um projeto de investigação arqueológica

A valorização do património constitui um compromisso central na construção de uma identidade coletiva informada, participativa e consciente da sua história. A exposição "Entre a Terra e o Mar: o Monte Castêlo de Guifões" oferece, neste contexto, uma oportunidade única para dar a conhecer ao público um dos mais relevantes testemunhos da ocupação humana no território de Matosinhos.

O Monte Castêlo de Guifões revela uma história longa e contínua, permitindo compreender as comunidades que aqui habitaram e a sua relação com o território, com particular destaque para a ligação ao rio Leça e ao mar – elementos estruturantes da nossa identidade enquanto comunidade atlântica.

Os resultados agora apresentados são fruto de mais de uma década de investigação exemplar, assente numa forte cooperação institucional e científica com a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no âmbito da licenciatura em Arqueologia. Este trabalho demonstra como o conhecimento produzido deve ser partilhado com a comunidade, promovendo o acesso ao património como um bem comum, vivo e em permanente construção.

Neste percurso, a decisão do Município de Matosinhos, em 2024, de adquirir a maior parte deste sítio arqueológico traduz um compromisso claro com a salvaguarda e valorização deste legado. Mais do que preservar, queremos criar condições para o seu estudo continuado, para a sua fruição pública e para o reforço da ligação entre a população e o seu património.

Convido todos a visitar esta exposição e a descobrir, no Monte Castêlo de Guifões, um lugar onde passado e presente se encontram, contribuindo para afirmar e consolidar a nossa identidade coletiva.

Luísa Salgueiro
Presidente da Câmara

A exposição "Entre a Terra e o Mar: o Monte Castêlo de Guifões", apresentada no Museu da Memória de Matosinhos, dá a conhecer ao público os resultados de um trabalho de investigação rigoroso e continuado contribuindo de forma decisiva para a valorização do património cultural do concelho.

Os museus assumem um papel essencial na preservação e transmissão da identidade coletiva, sendo espaços de mediação entre o conhecimento científico e a comunidade. Ao acolher esta exposição, o Museu da Memória reafirma a sua missão enquanto lugar de encontro, aprendizagem e construção de sentido sobre o território e a sua história.

O projeto GUIFARQ, que resulta de um protocolo de cooperação institucional estabelecido em 2016 entre o Município de Matosinhos e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a colaboração da APDL, destaca-se não só pela relevância científica, mas também pela sua dimensão pedagógica, constituindo um espaço de formação prática para estudantes da Licenciatura em Arqueologia e promovendo o cruzamento entre investigação, ensino e comunidade. Esta articulação é fundamental para uma cultura mais acessível, crítica e participada.

Ao apresentar a importância da área atualmente escavada do "Campo da Ponte" e das dinâmicas marítimo-fluviais do passado, a exposição convida o público a compreender melhor o território que hoje habitamos, a entender a metodologia da investigação científica em Arqueologia e a reconhecer o património como um elemento estruturante da identidade local.

Mais do que um olhar sobre o passado, este é um convite à participação ativa na sua valorização, reforçando o papel dos cidadãos na preservação e construção da memória coletiva.

Fernando Rocha
Vereador da Cultura

O PROJETO GUIFARQ (2016 – 2026)

"(...) o Castro de Guifões é o livro fechado que urge abrir para o ler. A enxada e o alvião serão os dedos que o hão de folhear. E os archeologos os que hão de proceder à sua leitura e traducção."

Godinho de Faria,
Monographia de Bouças, 1899

Em 2016, através de um protocolo celebrado entre a Câmara Municipal de Matosinhos e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e com o apoio da Administração do Porto de Leixões / APDL, iniciou-se um processo de colaboração institucional com o objetivo de desenvolver a investigação e valorizar um sítio arqueológico fundamental para o conhecimento da ocupação antiga de Matosinhos: O Castro do Monte Castêlo de Guifões.

A escavação arqueológica funciona também como espaço de ensino e aprendizagem, em contexto de trabalho prático, direcionado para os estudantes finalistas da licenciatura de Arqueologia da FLUP e alicerçado na unidade curricular "Práticas de Arqueologia de Campo".

O projeto GUIFARQ incide numa área do sítio arqueológico conhecida como "Campo da Ponte", situada à cota baixa, na periferia do assentamento. Espraiando-se nas proximidades do antigo estuário do Rio Leça, esta área mostrou ser determinante para o quotidiano do sítio, em termos de interação marítimo-fluvial.



1

UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO NO ESTUÁRIO DO RIO LEÇA





"navegavasse nos tempos dos nossos antepassados da sua foz até à Ponte de Guifões, que nos fica mais acima"

Frei Manoel da Esperança,
História Seráfica..., 1656

Na margem esquerda do Rio Leça, precisamente no ponto onde deixa de correr encaixado sobre escarpas abruptas e se alarga, para formar um amplo estuário, situa-se um esporão sobranceiro a este rio, designado localmente como "Monte Castêlo". A partir do seu topo, tem-se uma excelente perceção visual sobre um vasto território envolvente, particularmente na direção do estuário do Rio Leça e do Oceano.

O antigo estuário do Rio Leça encontra-se totalmente artificializado devido à construção, a partir de finais do século XIX, dos molhes do Porto de Leixões e, já durante a o século XX, das suas docas acostáveis.

Através de diversas fontes documentais antigas é possível perceber que, na Antiguidade, a configuração topográfica do estuário do Rio Leça era muito diferente, com uma foz mais ampla e aberta, protegida pela linha de rochedos designados como "Leixões", com condições boas de navegabilidade até ao sítio do Monte Castêlo.

Ponte medieval de Guifões, junto ao Monte Castêlo, que ruiu em 1978. Fotografia Alvão, *c.* 1950.

Vista aérea do paleoestuário do Rio Leça, entre o mar e o Monte Castêlo, posteriormente artificializado pela ampliação do Porto de Leixões. *c.* 1950.

Arquivo Histórico e Fotográfico da Câmara Municipal de Matosinhos. Divisão de Bibliotecas e Arquivo.

2

ARQUEOBOTÂNICA: FLORA AUTÓCTONE E ESPÉCIES CULTIVADAS

TRIGO ESPELTA
(Triticum spelta)
Abundantemente cultivado na região durante a Idade do Ferro, o seu cultivo começou a ser abandonado na romanização, sendo quase ausente de sítios da Antiguidade Tardia em todo o noroeste peninsular.



CASTANHEIRO/CASTANHA
(Castanea sativa)
Espécie autóctone que só começou a ser cultivada na região em época romana, provavelmente com plantas exógenas.



Entre a Idade do Ferro e a Antiguidade Tardia, a paisagem de Guifões mudou profundamente. As florestas foram sendo abertas para dar lugar a campos agrícolas e pastagens, enquanto matos, em especial giestais, se expandiam. Carvalhos, salgueiros e, mais tarde, castanheiros forneceram madeira para casas, utensílios, lareiras e fornos, essenciais à vida quotidiana.

Os habitantes cultivavam uma grande variedade de plantas, como estratégia para prevenir períodos de carência. Entre os cereais, destacavam-se vários tipos de trigo, cevada e, sobretudo, o milho-miúdo, vindo da Ásia central e rapidamente integrado na dieta local. Entre as leguminosas, as favas seriam as mais consumidas. Com a chegada dos romanos, alguns hábitos mudaram: o trigo espelta quase desapareceu, surgiram novas espécies como o pêssego, e o centeio ganhou importância, particularmente a partir do século III. Nesta fase, o castanheiro passou também a ser explorado de forma sistemática. Em todo este período, frutos silvestres, como bolotas, camarinhas e amoras, continuaram a complementar a alimentação.

Através da arqueobotânica é possível reconstruir o mundo rural antigo, feito de searas, hortas e bosques cada vez mais raros, numa paisagem progressivamente moldada pela ação humana.



fotografia: flora-on.pt

3

EVIDÊNCIAS DA PRIMEIRA OCUPAÇÃO DO SÍTIO NA IDADE DO FERRO

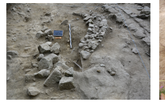
CERÂMICA CASTREJA COM DIVERSOS PADRÕES DECORATIVOS
Linhas incisas obliquas, motivos horizontais incisos obliquos e motivos impressos de circulos concêntricos.



A ocupação humana do Monte Castêlo estende-se por quase dez séculos. A sua fase primordial não se encontra ainda plenamente definida, mas os elementos materiais identificados, como as cerâmicas de fabrico manual com decorações incisas e estampilhadas, apontam para um período em torno do século V a.C.. Estes elementos parecem estar associados a construções erguidas à base de materiais perecíveis, como a madeira.

Na área estudada no âmbito do projeto GUIFARQ foi registado um conjunto de estruturas erguidas na II Idade do Ferro, entre os séculos II e I a.C., que correspondem às primeiras edificações construídas com elementos pétreos.

Entre elas, destacam-se uma construção de planta circular, parcialmente preservada, e uma base de lareira de argila, decorada com círculos sequenciais impressos. Estas estruturas constituem vestígios que demonstram o papel central que, num período recuado, este espaço periférico do Monte Castêlo, próximo da margem ribeirinha do Leça, assumiu na vida quotidiana do sítio.





4

CONTACTOS COM O MUNDO MEDITERRÂNICO

A presença de embarcações oriundas do mundo mediterrânico no litoral atlântico da Península Ibérica está bem documentada desde a primeira metade do primeiro milénio a.C.. A rota atlântica, assente na navegação de cabotagem, tinha como principal objetivo a identificação e exploração de fontes de abastecimento de estanho.

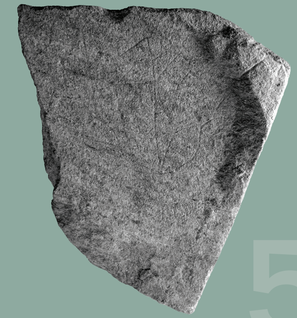
A partir do século II a.C., o Monte Castêlo começou a receber diversos materiais de produção mediterrânica, como ânforas fabricadas na região da Campânia, no sul da Península Itálica, ou objetos de adorno procedentes do Norte de África, designadamente contas de colar de pasta vítrea de cor azul.

De um período mais antigo, coincidente com os meados do primeiro milénio a.C., e potencialmente alusiva aos primeiros contactos com navegadores mediterrânicos será a representação gráfica estilizada de uma embarcação sobre uma placa pétrea, assim como, em paralelo, um fragmento de um vaso de produção púnica decorado com bandas horizontais pintadas.

Pela sua posição topográfica, junto a um estuário com condições de navegabilidade, o Monte Castêlo ter-se-á afirmado enquanto local de escala e de intercâmbios, integrado em rotas comerciais marítimas que estabeleciam a ligação entre os mundos atlântico e mediterrânico.

Representação de motivo barquiforme gravado sobre laje pétrea.
Século III a.C. a II a.C..





5